

MIGUEL ATTIE FILHO

MARCAS  
E PENSAMENTOS

—

Notas a uma  
História do Pensamento da Terra

—



2016

## Copyright by Miguel Attie Filho

Toda propriedade intelectual é protegida pela legislação vigente de Direitos Autorais, Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, Código Civil e Lei da Criminalidade. Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada ou reproduzida sob qualquer meio ou forma, seja mecânico, eletrônico, fotocópia, gravação, etc., nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados sem a expressa autorização do autor.

Depósito legal Lei nº 10.994 de 14/12/2004 e 12.192 de 14/01/2010  
MINISTÉRIO DA CULTURA  
Fundação Biblioteca Nacional  
Rio de Janeiro - Brasil

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)  
1ª edição 2016

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
(CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Attie Filho, Miguel

Marcas e pensamentos : notas a uma história do pensamento da Terra / Miguel Attie Filho. -  
1. ed -- São Paulo : Ed. do Autor, 2016.

ISBN 978-85-917387-6-2

1. Antropologia Filosófica - História
2. Pensamento 3. Teoria do conhecimento I. Título.

14-12665

CDD-128

Índices para catálogo sistemático:

1. Antropologia filosófica 128

---

Todos os direitos reservados

ATTIE PRODUÇÕES LTDA  
2016

*Impresso no Brasil*

gregos, a partir do foco de transmissão do período dos *naturalistas* para a cidade de Atenas. É difícil determinar quais as reais apropriações que os pensadores de Atenas fizeram dos princípios de Diógenes nos séculos seguintes, isso porque o foco de continuidade da discussão focalizou sempre mais a conexão entre Anaxágoras e Platão, por meio de Sócrates, discípulo do primeiro e mestre do segundo. De toda maneira, os pilares principais do debate posterior tiveram parte de suas origens nas reflexões de Anaxágoras e Diógenes de Apolônia. Agora, a partir do momento em que leitores e intérpretes do pensamento de Anaxágoras foram, também, Sócrates, Platão e Aristóteles, então, a situação ganhou nova direção. Isso porque a interpretação e opinião desses últimos – notadamente a respeito da doutrina de Anaxágoras – foi a que prevaleceu e dirigiu as discussões posteriores.

#### *A navegação do pensamento*

Uma interpretação emblemática nessa discussão a respeito do *pensamento* encontra-se registrada nos escritos de Platão (IV a.e.c.). Ainda que o *pensamento*, *espírito* ou *inteligência* (*nous*) exercessem papel fundamental na cosmologia anterior, a determinação completa da incorporeidade da inteligência e de seu peculiar modo de operar – em

contraste com os corpos e com o mundo sensível – parece ter sido feita com maior nitidez a partir dos escritos de Platão. Na visão corrente das histórias da filosofia, o próprio Anaxágoras, talvez, não possuiria de maneira muito clara o conceito de material e corpóreo, de um lado, e de imaterial e incorpóreo, de outro. Não só em Anaxágoras, mas também em todos os chamados *pré-socráticos*, essa divisão entre material e imaterial talvez não estivesse conceitualmente tão nítida, tendo sido consolidada de maneira mais explícita com as teses defendidas por Platão. Como há pouco material para se saber, com mais detalhes, qual era a real posição dos pensadores anteriores – como mencionei –, então, a literatura posterior acabou repetindo muito a opinião de Platão acerca de seus antecessores. Suas afirmações – somadas, muitas vezes, às de Aristóteles – são admitidas por alguns intérpretes atuais, fazendo com que estes últimos se alinhem à mesma perspectiva de julgamento. Portanto, vale insistir, pois, que parece que foi mais por meio dessas interpretações e menos por se saber efetivamente qual seria sua real visão a respeito do tema que Anaxágoras foi colocado no lugar em que se encontra nas histórias da filosofia. E, como a história é feita em grande parte de equívocos, de ausências, de apócrifos de erros de viés, mas acaba sustentando uma série de pensamentos que nela se

baseiam, não haveria razão alguma para que Anaxágoras e seu *nous* fossem exceção à regra.

De todo modo, encontra-se no *Fédon* – um dos diálogos de Platão – uma referência direta à discussão sobre a *inteligência* (*nous*), em uma curta passagem, enunciada pela boca de Sócrates. A emblemática passagem deu muito da direção que foi seguida, não só pelo próprio Platão na construção de suas doutrinas, mas, também, por grande parte da tradição posterior. Nesse trecho do *Fédon*, a certa altura da conversa com Cebes, Sócrates diz que, em sua juventude, havia ficado maravilhado com os estudos a respeito da Natureza, e que sua curiosidade o levava a perguntar a respeito da causa de cada uma das coisas que existiam, o que elas seriam, quais eram suas relações com as coisas do céu, se a Terra era chata ou redonda e outras questões desse tipo. Em sua busca, Sócrates narra que tentara seguir alguns métodos de investigação, mas nenhum deles havia lhe garantido respostas seguras nem satisfatórias. Contudo, diz ele:

ἀλλ' ἀκούσας μὲν ποτε ἐκ  
βιβλίου τινός, ὡς ἔφη,  
Ἀναξαγόρου [97ξ]  
ἀναγιγνώσκοντος, καὶ  
λέγοντος ὡς ἄρα νοῦς  
ἐστὶν ὁ διακοσμῶν τε καὶ  
πάντων αἴτιος, ταύτη δὴ

Então, um dia ouvi um homem dizer que havia lido um livro que, segundo ele [97c], era de Anaxágoras, no qual estava dito que a *inteligência* (*nous*) teria causado e ordenado todas

τῇ αἰτίᾳ ἧσθην τε καὶ ἔδοξέ μοι τρόπον τινὰ εὖ ἔχειν τὸ τὸν νοῦν εἶναι πάντων αἴτιον.	as coisas. Isso me causou alegria, pois me pareceu correto que a <i>inteligência</i> ( <i>nous</i> ) deveria ser a causa de todas as coisas <sup>14</sup> .
--	---

Em seguida, Sócrates confessa que se encheu de esperança por pensar ter encontrado não só as explicações das questões sobre a Natureza que o atormentavam, mas também por haver encontrado o homem que lhe daria todas as respostas, pois imaginava que tal homem, Anaxágoras, havia compreendido que a *inteligência (nous)* era uma causa completamente incorpórea e imaterial. Sócrates, então, atira-se avidamente à leitura do livro de Anaxágoras, lendo-o depressa, esperançoso de encontrar as respostas que tanto buscava. Conforme avança em sua leitura, percebe, porém, que Anaxágoras atribui à *inteligência (nous)* ações próprias ao éter, à água e aos outros elementos da Natureza. Profundamente decepcionado, Sócrates compreende, então, que as explicações de Anaxágoras, embora estivessem baseadas na *inteligência (nous)*, tinham a mesma perspectiva de uma realidade corpórea, não sendo diferente em nada das explicações apoiadas nos elementos da Natureza.

Seria – diz ele – como se alguém afirmasse que Sócrates agia em tudo pela *inteligência (nous)* e, em seguida, afirmasse que o mesmo Sócrates se movia em

razão de ter músculos, ossos e tendões. Ou seja, embora Anaxágoras houvesse anunciado a possibilidade de apoiar as causas da Natureza em uma instância incorpórea, a *inteligência* (*nous*), o desenvolvimento que ele propunha o fazia retornar às explicações corpóreas dos elementos da Natureza. Em suma, faltava-lhe compreender que a *inteligência* era a abstração por completo. Na conclusão da conversa com Cebes, Sócrates anuncia que, dado o total fracasso na busca das causas e das razões da Natureza, ele acabou se pondo – por conta própria – em busca das respostas que tanto ansiava por meio de um novo método. Melhor, Sócrates diz que foi além dessa primeira navegação, inaugurando, pois, uma segunda.

ἐγὼ μὲν οὖν τῆς τοιαύτης  
αἰτίας ὅπη ποτὲ ἔχει  
μαθητῆς ὅτουοῦν ἥδιστ' ἂν  
γενοίμην· ἐπειδὴ δὲ ταύτης  
ἐστερήθην καὶ οὐτ' αὐτὸς  
εὐρεῖν οὔτε παρ' ἄλλου  
μαθεῖν οἶός τε ἐγενόμην,  
τὸν δεύτερον [99δ] πλοῦν  
ἐπὶ τὴν τῆς αἰτίας  
ζήτησιν ἢ πεπραγμάτευμαι

Agora [diz Sócrates], eu teria ficado feliz em ser discípulo de qualquer um que me ensinasse a natureza daquela causa; mas como isso não ocorreu e como eu não era capaz de descobrir isso nem por mim mesmo nem pelo aprendizado de mais ninguém, então, Cebes, gostarias que eu te relatasse de que modo empreendi

βούλει σοι, ἔφη, ἐπίδειξιν ποιήσωμαι, ὦ Κέβησ; ὑπερφυῶς μὲν οὖν, ἔφη, ὥς βούλομαι.	uma segunda navegação [99d] na questão da causa? Adoraria de todo coração, replicou ele <sup>15</sup> .
---	--

A segunda navegação, anunciada pelas palavras de Platão, colocadas na boca de Sócrates, foi considerada por muitos como um início da reflexão metafísica propriamente dita entre os gregos, na medida em que procurava se desvencilhar do mundo material e atingir o mundo imaterial por meio da razão. Nesse sentido, as novas investigações mencionadas por Platão, por meio da fala de Sócrates, dirigem-se à separação entre um mundo imaterial e eterno, de um lado, e um mundo material e transitório, de outro. Como conectá-los?

### *O criador de mundos conexos*

Para colocar em contato o imaterial da *inteligência (nous)* com o material do Cosmos, preciso manter em meu horizonte de pensamento que a passagem da mudança anunciada em *Fédon* 97b - 99b não deixou de alçar a *inteligência (nous)* de Anaxágoras à primazia e foco da construção de um novo modo de abordagem na busca do princípio (*arché*), assim como alterou a relação tripla entre o princípio, o Cosmos e o humano. A alteração conceitual de abordagem, emblemática no tema do *pensamento*, de certo modo,